

# O “adultescente” e a criança generalizada na clínica do século XXI

---

Raul Albino Pacheco Filho

## Resumo

A ciência moderna surgiu com uma promessa: “*TODOS* iguais, livres e fraternos!”. Isso nunca se realizou. Restou o *TODOS* da padronização dos indivíduos, forclusão dos sujeitos e seu sofrimento. O discurso capitalista não ficou no “*Todos* proletários (angustiados)!”: incluiu o “*Todos* crianças!”. “Haveremos de destacar pelo termo criança generalizada a consequência disso? (...) a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” (Lacan, 1968 [1967]/2003, p. 367). Uma forma atual de segregação é pela faixa etária. O idoso recebe o estigma de “*peste grisalha*”, para alguns. Haverá consequências para os mais jovens? Uma é o prolongamento da adolescência: o “*adultescente*”. “A adolescência (...) é o paradigma dos impasses do sujeito diante da confrontação com a impossibilidade de uma relação de completude entre os sexos” (Quinet, 2009, pp. 13-14). O capitalismo atrela o sujeito às mercadorias como objetos de gozo, mas o sintoma mostra sua margem de liberdade: “a verdade individualiza o que o discurso coletiviza” (Soler, 2015, p. 2). Sustentar um sintoma abre ao sujeito o caminho do desejo, caso ele se disponha a retomar a pergunta que retorna do lugar de onde espera um oráculo (Lacan, 1950/1998, p. 829). Resta a pergunta sobre um ato, na política, capaz de criar um regime discursivo que confronte o discurso capitalista.

## Palavras-chave:

Criança generalizada; Segregação; Velhice; Psicanálise; Lacan.

## The “adultescent” and the generalized child in the 21st century clinic

## Abstract

Modern science emerged with a promise: “*ALL* equal, free and fraternal!” This never came to pass. Remained the *ALL* of standardization of individuals, foreclosure of subjects and their suffering. Capitalist discourse did not stop at “*All* proletarians (angushed)!”: it included “*All* children!”. “Should we highlight the consequence of this by the term generalized child? (...) This is what signals the entry of an entire world onto the

path of segregation” (Lacan, 1968 [1967]/2003, p. 367). A current form of segregation is by age group. The elderly are stigmatized as the “gray plague,” for some. Will there be consequences for younger people? Here, the extension of adolescent time comes in: the “adulescent.” “Adolescence (...) is the paradigm of the subject’s impasses when confronted with the impossibility of a complete relationship between the sexes” (Quinet, 2009, pp. 13-14). Capitalism ties the subject to commodities, but the symptom shows its margin of freedom: “truth individualizes what discourse collectivizes” (Soler, 2015, p. 2). Sustaining a symptom opens the path of desire for the subject, assuming that he takes up the question that comes back from the place from which he expects an oracular reply (Lacan, 1950/1998, p. 829). The question remains about an act capable of creating a discursive regime that confronts capitalist discourse.

### **Keywords:**

Generalized child; Segregation; Old age; Psychoanalysis; Lacan.

## **El “adulescente” y el niño generalizado en la clínica del siglo XXI**

### **Resumen**

La ciencia moderna surgió con una promesa: “¡TODOS iguales, libres y fraternales!”. Esto nunca ocurrió. Quedó el TODOS de la estandarización de los individuos, forclusión de los sujetos y su sufrimiento: El discurso capitalista no se detuvo en “¡Todos proletarios (afligidos)!”: incluyó “¡Todos niños!”. “¿Debemos destacar la consecuencia de esto con el término de niño generalizado? (...) es lo que marca la entrada de un mundo entero en la vía de la segregación” (Lacan, 1968 [1967]/2003, p. 367). Una forma actual de segregación es por edad. Los ancianos son “plaga gris”, para algunos. ¿Habrá consecuencias para los más jóvenes? Aquí viene la prolongación del tiempo de la adolescencia: el “adulescente”. “La adolescencia (...) es el paradigma de los impases del sujeto frente a la imposibilidad de relación de completitud entre los sexos” (Quinet, 2009, pp. 13-14). El capitalismo ata al sujeto a las mercancías, pero el síntoma muestra su margen de libertad: “la verdad individualiza lo que el discurso colectiviza” (Soler, 2015, p. 2). Sostener un síntoma abre el camino del deseo para el sujeto, si se dispone a retomar la pregunta que vuelve desde el lugar donde espera un oráculo (Lacan, 1950/1998, p. 829). Queda la pregunta sobre un acto, capaz de crear un régimen discursivo que se enfrente al discurso capitalista.

### **Palabras clave:**

Niño generalizado; Segregación; Vejez; Psicoanálisis; Lacan.

## **L’« adultescent » et l’enfant généralisé dans la clinique du XXI<sup>e</sup> siècle**

### **Résumé**

La science moderne est apparue avec une promesse: « TOUS égaux, libres et fraternels ! » Cela n’est jamais arrivé. Ce qui est resté, c’est le TOUS de la standardisation des individus, forclusion des sujets et leur souffrance. « En épinglerons-nous du terme de l’enfant généralisé, la conséquence? (...) Voilà qui signe l’entrée de tout un monde dans la voie de la ségrégation » (Lacan, 1968 [1967]/2003, p. 367). Une forme actuelle de ségrégation est celle par groupe d’âge. Les personnes âgées sont stigmatisées: la « peste grise », pour certains. Y aura-t-il des conséquences pour les plus jeunes? Voici l’allongement du temps adolescent: « l’adultescent ». « L’adolescence (...) est le paradigme des impasses du sujet face à l’impossibilité d’une relation complète entre les sexes » (Quinet, 2009, pp. 13-14). Le capitalisme lie le sujet aux marchandises comme objets exclusifs de jouissance, mais le symptôme montre sa marge de liberté: « la vérité individualise ce que le discours collectivise » (Soler, 2015, p. 2). Soutenir un symptôme ouvre au sujet la voie du désir, s’il se met à reprendre la question qui revient d’où il en attend un oracle (Lacan, 1950/1998, p. 829). La question demeure d’un acte, dans le cadre de la politique, capable de créer un régime discursif qui confronte le discours capitaliste.

### **Mots-clés :**

Enfant généralisé ; Ségrégation ; Vieillesse ; Psychanalyse ; Lacan.

A universalização e o sujeito promovidos pela ciência moderna surgiram na cena histórica associados a uma promessa generalizante auspiciosa. Refiro-me àquela que foi impulsionada a seguir pelo Iluminismo e que se consagrou como lema da Revolução de 1789: “*TODOS iguais, livres e fraternos!*”. Sabemos, porém, pela decepção que se seguiu, que os termos do predicativo dessa oração terminaram por limitar-se a um ideal abstrato, jamais realizado satisfatoriamente na concretude social. O título do artigo de Jean Baudrillard, em uma publicação sobre as comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, é sugestivo a esse respeito: “*O enterro do mito*”.

Existem duas formas de esquecimento: ou a liquidação, lenta ou violenta, da memória, ou, ao contrário, a celebração espetacular, a transferência do espaço histórico para o espaço publicitário. Ao sabor das imagens publicitárias, estamos fabricando uma memória artificial para tomar o lugar do

cenário principal, do mito fundador. O objetivo principal é nos livrarmos do acontecimento real da Revolução. A Revolução não está mais na ordem do dia na França. O evento aconteceu e acabou. Todo o nosso sistema político tende para esse fim da história, eis por que somos tão gulosos de comemorações. (Baudrillard, 1989, p. 158)

Restou o *TODOS* do pronome empregado como sujeito da oração, a indicar tão somente a operação de universalização abstrata e padronização dos indivíduos do capitalismo, decorrente da forclusão das singularidades dos sujeitos, de seus inconscientes e de seus desejos. E restou também o sofrimento implicado por isso, como lembra Colette Soler (2001) no título de sua apresentação: “A angústia do proletário generalizado”. Como diz Lacan (1974/1975, p. 187) em “A terceira”: “Cada indivíduo é realmente um proletário, quer dizer, não tem nenhum discurso com que fazer laço social.”<sup>1</sup>

Mas o *TODOS* generalizante do discurso capitalista não se limitou ao “Todos proletários (angustiados)!”. Seu imperativo também reza “Todos crianças!”. Falando da ignorância em que é mantido o corpo pelo sujeito da ciência, Lacan (1968 [1967]/2003, p. 367) lançou a interrogação: “Haveremos de destacar pelo termo criança generalizada a consequência disso? (...) Eis o que assinala a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação.” Daí que a questão contemporânea colocada pelo discurso capitalista seja: “como fazer para que massas humanas fadadas ao mesmo espaço, não apenas geográfico (...) se mantenham separadas?” (Lacan, 1968 [1967]/2003, p. 361).

Uma das formas contemporâneas da segregação é temporal: pela via da faixa etária. Recai sobre o idoso o estigma daquele que não trabalha, do improdutivo, do sem-serventia. E, como quem não trabalha também pouco pode consumir, o idoso é considerado, além disso, aquele que não sabe ou não pode mais conectar-se e usufruir dos objetos-mercadorias com a mesma volúpia dos mais jovens. Há quem o considere a “peste grisalha”. Um deputado do Partido Social Democrata (PSD) português, partido de centro-direita, lançou em 2013 um manifesto dizendo que “o envelhecimento da população portuguesa é uma evidência incontornável. Portugal é o país da União Europeia que mais sofre com esta tragédia social. (...) A nossa pátria foi contaminada com a já conhecida peste grisalha” (Peixoto, 2013). Opinião diversa foi publicada em 2019, em um artigo no *site* da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Anfip), intitulado “A ‘peste grisalha’”, no qual o autor propõe: “No Brasil, os idosos que, segundo o governo [Bolsonaro], sobrecarregam as contas previdenciárias, são tidos como

---

1 No original: “Chaque individu est réellement un prolétaire, c’est-à-dire n’a nul discours de quoi faire lien social.”

algozes da economia e causadores do desemprego dos jovens. Esse ponto de vista é equivocado” (Farág, 2019).

Cabe notar que, juntamente a uma visão tantas vezes depreciativa e socialmente desvalorizada da velhice, emerge, simultaneamente, “um processo de pseudo-desvalorização da velhice que idealiza essa fase da vida pelo viés do consumo, relacionando a velhice ativa e saudável com valores juvenis” (Costa et al., 2017, p. 32). Essa é a brecha que o mercado capitalista aproveita para explorar o nicho dos produtos que retardam (ou simulam retardar) os efeitos da idade sobre o corpo: dos cosméticos e aplicações de botox até as cirurgias plásticas.

Quais são as consequências, sobre os sujeitos do capitalismo, da ameaça de segregação por faixa etária, considerando-se que TODOS têm a velhice como destino (caso a morte não venha a abreviar suas vidas)? Quais são os efeitos de viver em uma sociedade em que os idosos: a) perdem sua condição de trabalho (de proletários); b) em consequência disso veem diminuída sua capacidade de consumo; e c) não se enquadram no ideal de juventude?

Não são apenas os idosos que sofrem os resultados da segregação da velhice e do ideal de juventude na sociedade contemporânea. Também os mais jovens e os de meia-idade mostram seus efeitos. E aqui entra o prolongamento do tempo adolescente. Sem pretender que isso se deva exclusivamente aos fatores apontados, entendo que eles participam como determinantes relevantes.

Pesquisas acadêmicas em comunicação e semiótica têm investigado o modo como a publicidade e os meios de comunicação atuam:

Na criação e proliferação de padrões estéticos da cultura “adultescente”, entre indivíduos de 25 a 40 anos de idade, concomitantemente com a necessidade do sistema de produção e do consumo na fortificação deste comportamento como forma de vida geradora de lucros. (Escudero, 2012, p. 8)

E apontam como, a partir dos “encantos universais e seculares” da juventude, a mídia tem operado “nos processos de identificação e projeção que atuam nos indivíduos”, ofertando-lhes “padrões de juventude (uniformização) que servirão como referência para esses adultos, incentivando uma demanda por produtos que assinalam esta tendência, fornecendo-lhes identidade” (Escudero, 2012, p. 8).

O termo “adultescente” (“*adultescent*”), neologismo criado a partir da fusão dos termos adulto e adolescente, foi incluído no banco de dados de novas palavras inglesas da Editora Oxford University em 1997 (Oxford University Press, 1997) a partir de sua utilização em tabloides britânicos. Foi incluído também em “um glossário para os anos 90” da Editora Prion (Rowan, 1998), elaborado por um colunista de comportamento do *The Guardian*, um dos mais prestigiosos jor-

nais britânicos. E tem sido empregado para designar uma tendência observada em adultos, que psicólogos sociais e do desenvolvimento têm abordado também como adolescência estendida, tardia, expandida ou prolongada (ver, por exemplo, Santos et al., 2011). O *adultescente* seria “um adulto que se faz de adolescente (...) uma pessoa adulta (particularmente de meia-idade) que mantém estilo de vida próprio de adolescentes” (Calligaris, 1998, p. 1). Já em 1983, um psicólogo norte-americano escreveu sobre o assunto denominando o que, em seu entender, seria uma síndrome: “Síndrome de Peter Pan: homens que nunca cresceram” (Kiley, 1983). Embora nunca catalogada no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM), muitos têm apontado certa sobreposição de características dessa “síndrome” com as que são encontradas na definição do “transtorno de personalidade narcisista”, no DSM-V. Um tanto desorientados com o fenômeno, psicólogos desenvolvimentistas têm realinhado para 25 anos os ponteiros do relógio, que, para eles, indicaria o final da fase da adolescência (ver Antrobus, 2021, e Silver, 2018).

Na contramão desse furor patologizante e desenvolvimentista, nós, psicanalistas, sabemos que o tempo adolescente tem fundamento estrutural: “A adolescência, tal como nos mostra Sonia Alberti, é o paradigma dos impasses do sujeito diante da confrontação com a impossibilidade de uma relação de completude entre os sexos” (Quinet, 2009, pp. 13-14). “A adolescência não deixa de ser um momento em que esse sujeito procura situar-se na partilha dos sexos, (...) fazendo ouvir o sujeito desejante” (Alberti, 2009, p. 252).

Mas sabemos também, além disso, que o tempo adolescente também tem seu aspecto histórico e discursivo. Vivemos um momento difícil para todos: “para os adolescentes, que não sabem mais como ser rebeldes, pois a rebeldia é um valor estabelecido. Para os adultos, pois (...) como podem um dia desistir de ser rebeldes, ou seja, adolescentes?” (Calligaris, 1998, p. 3).

Como todos os assim chamados “novos sintomas” surgidos com o capitalismo neoliberal, o prolongamento do tempo requerido pelo sujeito para ouvir seu desejo, no confronto com a inexistência da proporção sexual, tem a ver com o discurso capitalista. É inegável que a juventude nos reserva suas alegrias e exerce, por isso, seu poder de atração. Porém, os adultos de nosso tempo estão cada vez menos satisfeitos com sua condição etária, e a preservação da juventude tornou-se um ideal imperioso. Manter-se com o corpo jovem e o espírito infantil ou adolescente é mais do que uma aspiração do sujeito do capitalismo do século XXI: é, para muitos, uma busca desesperada. E a ambição de crescer e tornar-se adulto cedeu lugar a seu inverso: perpetuar-se criança ou adolescente, em seu universo, é o sonho impossível por tantos idealizado.

Lembro-me de uma publicidade de muito tempo atrás (de motocicletas? de automóvel?) que usava o seguinte *slogan*: “A diferença entre uma criança e um adul-

to é, apenas, o preço de seus brinquedos.” Ela manteve sua popularidade, como se pode constatar em seu uso como título de uma matéria do *Jornal da Manhã Online* (Abdalla, 2020). Outra matéria, essa da revista *Exame* (Da Redação, 2022), tem por título: “Você é adulto e ama um brinquedo de criança? A indústria de brinquedos também te ama”. Nela, informa-se que: “Um grupo de compradores apelidado de ‘*kidults*’ ajudou as vendas de brinquedos nos EUA a aumentar 37% em dois anos, para US\$ 28,6 bilhões em 2021.”

O capitalismo busca capturar o sujeito atrelando-o às mercadorias como objetos exclusivos de gozo, por meio de significantes e cenas imaginárias de realização do desejo. Além disso, traz em seu rastro discriminações e segregações de aspectos distintos: de classe, faixa etária, origem geográfica, raça, religião, opção política, gênero etc. E como havemos nós, psicanalistas, de receber esses “novos sintomas”? O psicanalista recebe os “novos sintomas” do sujeito contemporâneo do mesmo modo com que sempre o fez desde que Freud criou o discurso analítico: acolhendo-os, escutando-os e interpretando-os. O sujeito padece das fixações de gozo que o discurso capitalista lhe impõe, mas responde a isso com uma resistência: o sintoma. Pois o sujeito não é todo capturável pelo discurso, porque “existe uma barreira entre o gozo produzido, ou seja, o gozo que se compartilha, as formas comuns de gozo por um lado, e a verdade, a verdade singular [do inconsciente] de cada um”<sup>2</sup> (Soler, 2015, p. 3). Isso é essencial porque mostra que é apenas na aparência que o discurso capitalista elimina a barreira de gozo: a impotência do discurso não é eliminada. O sintoma carrega alienação ao Outro, mas também separação: afinal, ele é “formação de compromisso”, na conceituação freudiana (Freud, 1926/2014, p. 113). É como produção singular do inconsciente do sujeito que o sintoma viabiliza o processo de análise.

O discurso comanda o gozo e regula os laços sociais. Mas o sintoma mostra a margem de liberdade do sujeito, na medida em que “a verdade individualiza o que o discurso coletiviza”<sup>3</sup> (Soler, 2015, p. 2). E, ao sustentar um sintoma, o sujeito abre a possibilidade que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo: que é trabalhar a pergunta que lhe retorna do Outro (“*Che vuoi?*”), “caso ele se ponha, graças à habilidade de um parceiro chamado psicanalista, a retomá-la (...) no sentido de um ‘Que quer ele de mim?’” (Lacan, 1950/1998, p. 829).

E aqui parece que estamos de acordo com Vittorio Foa,<sup>4</sup> que, em seu artigo “Igualdade” para a já referida publicação sobre o bicentenário da Revolução Francesa, propõe:

---

2 No original: “*Hay una barrera entre el goce producido, o sea el goce que se comparte, las formas comunes de goce por una parte, y la verdad, la verdad singular de cada uno.*”

3 No original: “*La verdad individualiza lo que el discurso colectiviza.*”

4 Político, sindicalista, jornalista e escritor italiano.

Não existem receitas para curar racismo, machismo, nacionalismo e fundamentalismo [ao que poderíamos acrescentar a segregação e desvalorização dos idosos]. O mal está dentro de cada um de nós, sem momentos de trégua: o receio da “diversidade”, que ameaça nossa identidade, e a necessidade da “diversidade”, em proveito de nossa mesma identidade, convivem sem interrupção. E antes de tudo é em nosso interior que devemos lutar para procurar uma solução para a relação entre igual e diferente. (Foa, 1989, p. 133)

Estamos inteiramente de acordo que seja inevitável interrogarmos o sujeito que há em cada um de nós para que seja possível confrontarmos as diferentes formas de preconceito e segregação, assim como para buscarmos modos de enfrentamento dos conflitos com o *hétéros*. E, aqui, a análise de cada sujeito mostra-se de valor inestimável. Porém, ainda que concordando com esses benefícios inegáveis da análise de cada sujeito, e também com a contribuição que a multiplicação das análises dos sujeitos pode trazer para o âmbito dos conflitos sociais, cabe fazer a pergunta: será isso suficiente para resolver os problemas da estrutura econômica, social e ideológica do capitalismo, assim como de seu discurso, qualificado por Lacan (1972, p. 10) como “loucamente astucioso”, “insustentável” e “destinado a explodir”?<sup>5</sup> Ou a dimensão do ato realizado na pólis (o ato político) será imprescindível?

No texto mencionado anteriormente, Baudrillard refere-se ao sujeito contemporâneo apontando seu horror às transformações radicais:

Por favor, nada de revoluções (...) é necessário esforçar-se ao máximo para que o *real* deixe de se manifestar em definitivo. Não fazemos mais a história (...). Temos hoje uma imagem da Revolução perfeitamente piedosa (...). Uma imagem reciclada em termos de *confort* intelectual pós-moderno. (Baudrillard, 1989, p. 159, grifo do autor)

Foi essa imagem “piedosa” que permitiu alçar o historiador François Furet à condição de protagonista principal das comemorações do bicentenário da Revolução, na França: Furet, que eliminou Saint-Just de seu *Dictionnaire critique de la Révolution Française* (Furet & Ozouf, 1988), com o pretexto de que o papel de Saint-Just na Revolução teria se limitado à retórica. Mas, como diz Baudrillard, “por sorte, há ainda acontecimentos que fogem à fatalidade da comemoração”. Por isso mesmo, “deixemos que os historiadores enterrem a história; deixemos que os políticos enterrem a política e conservemos, em nosso proveito, a saudade do evento e da glória” (Baudrillard, 1989, p. 159).

---

5 No original: “De follement astucieux, mais voué à la crevaison. Enfin, c’est après tout ce qu’on a fait de plus astucieux comme discours. Ça n’en est pas moins voué à la crevaison. C’est que c’est intenable.”

Para pensar sobre a estrutura de um “ato”, Lacan não se furtou a dirigir sua reflexão para o âmbito da política:

Nós sabemos o que pode ser de todo ato, deste ato do qual mostrei, há pouco, o caráter inaugural e cujo tipo, se podemos dizer, é veiculado para nós através dessa meditação vacilante que se persegue ao redor da política pelo ato dito do Rubicão, por exemplo. (...) ultrapassá-lo [o Rubicão] era entrar na terra-mãe. A terra da República, aquela que abordar era violar. Algo foi ultrapassado, no sentido desses atos revolucionários (...). Afinal, vale bem a pena colocar a questão aqui, em um certo ponto de partida, pois na maneira pela qual vou avançar sobre o terreno do ato há também uma certa ultrapassagem. (Lacan, [1967-1968]/s.d., pp. 80-81)

Será que o capitalismo corresponde ao destino final do sujeito que ele colocou na cena histórica: sujeito avesso à história, à política, ao inédito e ao real? Ou será que esse sujeito, se mantiver a saudade da glória e do evento (do *advento do real*), como quer Baudrillard, ainda será capaz de, por meio de um *ato*, reconciliar-se com a história e criar um regime discursivo menos hostil?

## Referências bibliográficas

- Abdalla, V. (2020, 21 de setembro). A diferença entre uma criança e um adulto é, simplesmente, o preço de brinquedos. *Jornal da Manhã Online*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://jmonline.com.br/colunas/virginiaabdalla/a-diferenca-entre-uma-crianca-e-um-adulto-e-simplesmente-o-preco-de-brinquedos-1.53808>
- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente* (pp. 13-15). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Antrobus, L. (2021). *What 25 means to me*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www.redthread.org.uk/what25meanstome-laverne/>
- Baudrillard, J. (1989). O enterro do mito. In G. Invernizzi et al. *A Revolução Francesa: 1789-1989* (pp. 158-159). São Paulo: Três. (Série Isto é Senhor).
- Calligaris, C. (1998, 20 de setembro). Adultescência: a sedução dos jovens. *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais!, São Paulo. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099804.htm>
- Costa, D. G. S. et al. (2017). Envelhecimento e velhices: heterogeneidade no tempo do capital. In D. G. S. Costa et al. *Aproximações e ensaios sobre a velhice* (pp. 21-34). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Escudero, A. P. (2012). *“Adultescência” e imagem: o emergir do “puer aeternus” nos meios de comunicação*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados

- em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil.
- Da Redação (2022, 10 de julho). Você é adulto e ama um brinquedo de criança? A indústria de brinquedos também te ama. *Exame*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://exame.com/negocios/voce-e-adulto-e-ama-um-brinquedo-de-crianca-a-industria-de-brinquedos-tambem-te-ama/>
- Farág, C. (2019). A 'peste grisalha'. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <http://www.ionline.pt/opiniao/portugal-cabelos-brancos>
- Foa, V. (1989). Igualdade. In G. Invernizzi et al. *A Revolução Francesa: 1789-1989* (pp. 132-134). São Paulo: Três. (Série Isto é Senhor).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Furet, F., & Ozouf, M. (1988). *Dictionnaire critique de la Révolution Française*. Paris: Flammarion.
- Kiley, D. (1983). *The Peter Pan syndrome: men who have never grown up*. New York: Dodd, Mead.
- Lacan, J. (s.d.). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Recuperado em 18 de abril, 2025, de [https://www.academia.edu/50865523/J\\_Lacan\\_O\\_semin%C3%A1rio\\_livro\\_15\\_O\\_ato\\_psicanal%C3%ADtico](https://www.academia.edu/50865523/J_Lacan_O_semin%C3%A1rio_livro_15_O_ato_psicanal%C3%ADtico). (Trabalho original publicado em 1967-1968)
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'université de Milan, le 12 mai 1972*. Recuperado em 12 de janeiro, 2025, de <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>
- Lacan, J. (1975). La troisième. Conférence au 7ème Congrès de l'École freudienne de Paris à Rome. *Lettres de l'École Freudienne*, (16), 177-203. (Trabalho original publicado em 1975 [1974])
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1950)
- Lacan, J. (2003). Alocação sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968 [1967])
- Oxford University Press (1997). *The Oxford dictionary of new words*. Oxford: Oxford University Press.
- Peixoto, C. (2013). *Um Portugal de cabelos brancos*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <http://www.ionline.pt/opiniao/portugal-cabelos-brancos>
- Quinet, A. (2009). O despertar do adolescente. In S. Alberti. *Esse sujeito adolescente* (pp. 13-15). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Rowan, D. (1998). *Glossary of the 90s*. United Kingdom: Prion Books.

- Santos, R. G. et al. (2011). O prolongamento da adolescência em uma sociedade contemporânea. In 16º Encontro Nacional da Abrapso, Recife. *Anais*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czo0NjoiYToxOntzOjExOjJRRF9UUKFCQUxITyI7czo0OiIyNTQ1Ijt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6IjM0MDRhZjJhZTJiYjgxMjQ0YzBkMDA0ZGExOTEwNGQyIjt9#:~:text=Mas%20o%20que%20%C3%A9%20adolesc%C3%Aancia,e%20econ%C3%B4mica%20%5B...%5D>
- Silver, K. (2018, 18 de janeiro). Adolescence now lasts from 10 to 24. *BBC*. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www.bbc.com/news/health-42732442>
- Soler, C. (2001). *L'angoisse du prolétaire généralisé*. Extraits du cours de janvier 2001. Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www.champlacanianfrance.net/old-files/private/Link/csolercours.pdf>
- Soler, C. (2015). Entrevista a Colette Soler por Luis Prieto. *Nadie Duerma: Revista del Foro Analítico de Río de la Plata*, (5). Recuperado em 10 de julho, 2024, de <https://www.nadieduerma.com.ar/edicion-12/ENTREVISTA-A-COLETTE-SOLER-POR-LUIS-PRIETO-23.html>

**Recebido:** 28/04/2024

**Aprovado:** 27/05/2024